

Dr. Roger Green, Cristianismo Americano, Sessão 1 2, Catolicismo Romano no Século XIX

© 2024 Roger Green e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Roger Green em seu ensinamento sobre o cristianismo americano. Esta é a sessão 12 sobre o catolicismo romano no século XIX.

Bem atualizado em termos de palestras. Esta é a palestra número oito, o catolicismo romano no século XIX. Começamos isso e começamos isso outro dia. Estamos olhando para o crescimento, deixe-me apenas colocar isso aqui: estamos olhando para o crescimento da Igreja Católica Romana, e então estamos olhando para a americanização da Igreja Católica Romana.

Ainda estamos na parte do crescimento. Então, só como um lembrete, demos três razões pelas quais o catolicismo romano cresceu tanto durante a imigração para a América. Então, falamos sobre essas três razões.

Então, falamos sobre dois problemas que a Igreja Católica Romana enfrentou aqui na América. Há um problema interno e um problema externo. Lembre-se, mencionamos que o problema interno era o problema da tutela.

As Igrejas Católicas Romanas estavam tão espalhadas, não apenas pelas colônias, mas conforme você ia para o oeste e para o sul, tão espalhadas que não tinham padres para cobrir essas igrejas. E então, os leigos tiveram que começar a administrar as igrejas. E elas ficaram meio fora de controle.

Eles eram os curadores das Igrejas Católicas Romanas, mas eles queriam, você sabe, esse bom espírito americano de liberdade e escolha. Eles queriam poder contratar padres e demitir padres e todo tipo de coisa. Então, isso realmente saiu do controle, e a Igreja Católica Romana teve que controlar isso.

Então, a tutela se tornou um problema real porque não se encaixava com a igreja hierárquica e com a maneira como a igreja é organizada pela política da igreja. Então, havia um atrito real ali. E peço a vocês com antecedência que falem sobre essa tutela e os problemas que ela causou.

Esse é o problema externo, o problema interno. O problema externo que mencionamos foi o anticatolicismo chegando à Igreja Católica Romana. E acho que acabamos de mencionar isso, mas não acho que começamos com isso.

Então, ok. Então, opa, um bom exemplo disso é um partido. Na verdade, há um partido político que foi formado em 1837, e era chamado de Native American Party.

O Native American Party foi formado especificamente como um partido anticatólico porque eles estavam muito chateados com o tremendo número de católicos romanos e imigrantes católicos romanos chegando à América. E então, há uma série de coisas que eles queriam, mas basicamente, eles queriam parar a imigração de católicos romanos. Eles queriam fazer isso politicamente.

Mas se os católicos romanos viessem para a América, o que eles queriam era, e tentaram pressionar para casa sem sucesso, mas eles queriam que as pessoas esperassem 21 anos antes de poderem solicitar a cidadania. E eles pensaram que se fizessem os católicos romanos esperarem 21 anos antes de poderem solicitar a cidadania, isso iria, isso iria desencorajar os católicos romanos de virem para cá. Então esse foi um partido muito anticatólico que foi estabelecido.

O partido na verdade ganhou um apelido para isso. O partido era conhecido como Know-Nothingism ou Know-Nothing Party. E a razão pela qual ganhou esse apelido é porque o partido, as pessoas no partido que disseram, você sabe, se você for questionado sobre nossas políticas e se você for questionado sobre o que pensamos sobre os católicos, apenas diga que você não sabe de nada.

Então, eles ganharam esse apelido da imprensa: o Partido Know-Nothing ou Know-Nothingism . Eles se recusaram a responder a quaisquer perguntas. Eles não sabem de nada, e assim por diante.

Então, era uma espécie de movimento underground, mas era um tipo muito, muito forte de movimento anticatólico que surgiu nas principais cidades contra os católicos romanos. Há um sentido em que acho que talvez eu tenha visto isso um pouco de perto e pessoalmente porque obtive meu doutorado no Boston College. O Boston College teve um pouco de dificuldade para começar.

Eles não começaram de fato em Chestnut Hill, onde fica agora. Na verdade, eles começaram na cidade de Boston. Mas eles tiveram problemas para conseguir uma autorização para começar.

Era uma instituição jesuíta, obviamente uma instituição jesuíta, mas eles tiveram problemas para obter uma carta para começar o Boston College. A razão para isso foi que a legislatura de Massachusetts era tão anticatólica, então eles não dariam aos jesuítas e católicos a chance de começar seu próprio local de estudo. Então, havia tensão entre a legislatura, os jesuítas e a liderança católica romana tentando fazer o Boston College funcionar.

Existe uma espécie de mito urbano de que costumava haver placas postadas em lojas dizendo, se você é católico romano, não precisa trabalhar aqui. Havia um mito urbano sobre o Boston College que provavelmente é só isso, provavelmente não é,

provavelmente é só um mito urbano. Mas o mito era que Harvard costumava anunciar, e eu nunca consegui rastrear isso.

Então, eu procurei, mas não consegui rastrear isso. No entanto, o mito era que a Universidade Harvard costumava anunciar nos jornais de Boston. O anúncio era assim: se você é católico romano, não precisa se candidatar aqui.

E então, os católicos romanos ficaram tão indignados com isso que decidiram formar sua própria instituição. Quando finalmente se mudaram para Boston, para Chestnut Hill, construíram um lindo campus neogótico. Não sei se algum de vocês já foi ao Boston College, mas é realmente algo para se ver.

E então, eles queriam demonstrar o tipo de poder da comunidade católica aqui em Boston. Mas o Know Nothing, o Native American Party, ou o Know Nothing Party, foi uma espécie de resistência contra os católicos romanos e nas principais cidades. Então, queremos mencionar isso.

Se você avançar rapidamente, alguns de nós nesta sala estávamos por perto na eleição de John F. Kennedy. Se você avançar rapidamente para a época da eleição de John F. Kennedy, havia um grau razoável de sentimento anticatólico surgindo porque havia um católico romano concorrendo à presidência. E as pessoas estavam com medo, você sabe, se John F. Kennedy se tornasse presidente, então o Papa estaria governando o país e assim por diante.

Ele será o presidente sombra. E, quero dizer, havia todo tipo de sentimento sobre JFK se tornar um presidente católico romano. Mas, no entanto, ele se tornou, obviamente.

Então, esse tipo de coisa. Certo, agora ainda estamos nesse negócio de crescimento. A Igreja Católica Romana, à luz do problema da tutela, mas também especialmente à luz dos sentimentos anticatólicos, sabia que tinha que se estabelecer, e sabia que os católicos tinham que cuidar dos católicos.

As comunidades católicas eram tão grandes, Boston sendo um exemplo perfeito. Então, eles sabiam que teriam que fazer isso. Então, o que eles fazem, o que a Igreja Católica Romana faz, é desenvolver três maneiras de prover católicos romanos que vêm para essas grandes cidades, prover imigrantes que vêm para essa grande cidade.

Havia três maneiras principais pelas quais eles tentavam trazer os católicos romanos para a cultura mais ampla e ajudá-los a entender a cultura mais ampla e assim por diante. Ok, deixe-me mencionar essas três maneiras. A primeira maneira foi desenvolver escolas.

Eles desenvolveram escolas paroquiais e escolas católicas romanas para crianças católicas romanas. E dessa forma, as crianças teriam uma boa educação católica em meio a uma cultura mais ampla. Então, a primeira maneira era dar às crianças católicas romanas uma boa educação aqui na América.

E estar em um sistema escolar onde eles não sentiriam pressão anticatólica sobre eles. Eles se sentiriam em casa no sistema escolar. Então esse é o número um.

Número dois, a segunda maneira era desenvolver instituições de caridade, hospitais ou lugares onde você cuida de idosos. Para que essas instituições de caridade realmente se esforçassem para cuidar dos católicos romanos. Os católicos romanos se sentiriam confortáveis por estarem sendo cuidados, por suas necessidades médicas serem atendidas, por suas necessidades de idosos serem atendidas, ou por crianças serem cuidadas em orfanatos católicos romanos.

Então, essa rede de caridade bem forte foi estabelecida nos Estados Unidos. E, claro, você saberia que isso é verdade hoje. Quero dizer, você olha para hospitais e lugares como esse que fazem parte disso.

Certo. A terceira maneira de manter os católicos romanos é mantê-los seguros na cultura, mas não totalmente separados da cultura. Mas a terceira maneira era por meio da imprensa.

Muitos jornais católicos foram publicados. E dando o tipo católico de dar a perspectiva católica. E eu escolhi o piloto porque esse é o jornal católico mais antigo do país.

E isso ainda está sendo publicado. E começou em Boston. Então aqui, Boston se orgulha do primeiro lugar na publicação do primeiro jornal que foi publicado depois de todos esses anos.

E olhe para o subtítulo do jornal, o piloto, Get the Catholic Perspective. Get the Catholic Perspective. Então, jornais e publicações se tornam importantes também.

Então, como mantemos a lealdade dos imigrantes católicos? Fazemos isso por meio da educação. Fazemos isso por meio de obras de caridade e instituições de caridade. E fazemos isso por meio de jornais para obter a perspectiva católica.

Então foi assim que as coisas começaram a crescer. Foi assim que começou a se desenvolver na América. E nenhum lugar é mais forte do que onde moramos.

Boston se americanizou, como veremos em um minuto. Então, você tem alguma pergunta sobre essa primeira parte? Certo. A segunda parte, então, é a americanização dos católicos romanos.

Sim. Eles estão crescendo. E agora, precisamos saber como a Igreja Católica Romana vai cuidar deles. Como a Igreja Católica Romana vai ministrar a eles? Ela ministrou a eles dessas três maneiras, ajudou-os e os trouxe para a cultura e a vida católica na América. Por causa disso, também estimulou ainda mais crescimento.

Os católicos, como em Boston, se sentiam em casa porque tinham suas próprias escolas, hospitais, orfanatos, jornais, Boston College e outras faculdades católicas. Então, é uma maneira de fazê-los sentir que a América é seu lar. E que eles não precisam temer sentimentos anticatólicos na cultura mais ampla porque você tem esses lugares para eles.

Sim. Isso ajuda? Claro. Certo.

A americanização de tudo isso. Como tudo isso aconteceu aqui? Certo. A americanização começou na segunda metade do século XIX.

Então, eles estão chegando em grande número. Estão sendo cuidados. A segunda metade do século XIX, especificamente a data de 1852, se torna uma data importante na história católica americana.

A razão pela qual isso é tão importante é porque a Igreja Católica Romana na América realizou sua primeira conferência ou primeiro concílio, o que chamaríamos de concílio plenário ou concílio pleno, em 1852. Eles o realizaram em sua cidade principal, Baltimore. Lembre-se, Maryland foi estabelecida como um lugar onde os católicos romanos podiam se sentir em casa e assim por diante.

Então, Baltimore se tornou a sede do primeiro Arcebispo na América, e assim por diante. Então, Baltimore, 1852. Certo.

O propósito do concílio plenário em 1852 era abordar uma questão básica. E a questão era: como a Igreja Católica Romana vai se sentir em casa na cultura mais ampla? O que a Igreja Católica Romana pode fazer para que nos tornemos parte, desempenhemos um papel maior e nos tornemos parte da cultura nesta vida nacional? Então, eles realmente se sentaram em 1852 e tentaram pensar sobre a relação da Igreja Católica Romana com a cultura mais ampla e a vida nacional. Como deveríamos nos relacionar com isso? Certo. Seguindo isso, vem o líder católico romano mais importante da segunda metade do século XIX.

E, opa, desculpe, eu tenho que voltar aqui. O nome dele era James Gibbons. James Gibbons.

Tudo bem. James Gibbons eventualmente se tornou bispo, arcebispo e cardeal. James Bishop se tornou o cardeal de Baltimore e se tornou a figura principal na vida da Igreja Católica Romana na segunda metade do século XIX.

Você pode ver as datas dele. Ele se tornou cardeal em 1886, mas viveu até 1921. Então ele teve uma longa, longa vida de liderança em Baltimore.

Então, o que James Gibbons fez, ou o que ele realizou, ajudou a aliviar as tensões entre o catolicismo romano e a cultura mais ampla — ajudando a navegar ou negociar as possíveis tensões entre a Igreja Católica Romana e a cultura mais ampla. E assim ajudar as pessoas a entender como a Igreja Católica Romana deve se sentir em casa na cultura mais ampla e deve contribuir para a cultura mais ampla.

Certo. Então, deixe-me mencionar duas de suas realizações. Quero dizer, esse é seu principal objetivo, e ele o alcançou.

E este é Gibbons do lado esquerdo. Então, era James Gibbons aqui. Mas deixe-me mencionar duas de suas realizações.

Número um, é claro, ele era, como a Igreja Católica Romana sempre foi, ele era um verdadeiro apoiador da separação entre igreja e estado. Ele queria deixar absolutamente claro que a Igreja Católica Romana não tinha desejo de assumir o governo. Por outro lado, a Igreja Católica Romana quer ser livre para adorar.

Assim como Deus nos deu essa liberdade de adorar, a Igreja Católica Romana quer ser livre para adorar. Ela quer ser livre do controle ou restrições governamentais. E então ele foi um verdadeiro campeão da separação entre igreja e estado.

Agora, ok. Então, ele vai junto com quem? Pessoas como os congregacionalistas. Isso era verdade com eles desde o século XIX.

Os batistas sempre quiseram a separação entre igreja e estado. Então, havia muitos protestantes que também acreditavam fortemente na separação entre igreja e estado. Então, ele está apelando para um tipo muito forte de entendimento protestante.

Ele também acredita nisso. Então, essa é uma coisa. A segunda coisa pela qual James Gibbons era meio que conhecido era que ele estava do lado da classe trabalhadora.

Muitos desses imigrantes, muitos desses imigrantes católicos, pertenciam às classes trabalhadoras, e eles tinham uma vida muito, muito difícil. Falaremos sobre isso mais tarde em outra palestra, mas no Lower East Side de Manhattan, o Lower East Side de Manhattan na virada do século em 1900, então no final do século 19 para o início do século 20, o Lower East Side de Manhattan era o lugar mais populoso do mundo

inteiro. Não havia lugar mais populoso do que aqueles poucos quarteirões no Lower East Side de Manhattan.

Estava absolutamente lotado. Os cortiços estavam absolutamente lotados com a classe trabalhadora, e eles não eram apenas católicos romanos, mas, claro, Gibbons está preocupado com os católicos romanos. Mas ele vai colocar a igreja do lado dos trabalhadores, e vai ajudar os trabalhadores tanto quanto puder, os católicos trabalhadores, tanto quanto puder, por meio de salários, melhores salários, melhores condições de trabalho, melhores condições de vida e assim por diante.

Agora, quando falamos sobre Walter Rauschenbusch, vamos falar muito mais sobre isso, mas aqui, a Igreja Católica Romana está do lado dos trabalhadores. Agora, o Papa na época está do lado direito. O Papa era o Papa Leão XIII, e ele foi Papa de 1878 a 1903, Papa Leão XIII.

Agora, o Papa Leão XIII, uma das razões pelas quais Gibbons pôde ter uma posição tão forte e tão forte ao lado das classes trabalhadoras e do povo trabalhador foi que o Papa Leão XIII também estava internacionalmente ao lado do povo trabalhador, ao lado das classes trabalhadoras. E ele, de seu ofício como Papa, deixou isso muito claro. Há um dos maiores documentos que saíram da Igreja Católica Romana naquela época, um documento chamado Rerum Novarum.

Alguns de vocês, vocês podem ter falado sobre isso em outros cursos, mas Rerum Novarum foi sua encíclica, colocando a Igreja Católica Romana do lado das classes trabalhadoras e tentando ajudá-las. Então essas foram as duas coisas pelas quais ele é conhecido por muitas coisas, mas essas são as duas coisas que meio que ficam em nossas mentes: separação entre igreja e estado e também estar do lado das classes trabalhadoras. Ok, vamos dizer apenas mais algumas coisas sobre a americanização da Igreja Católica Romana.

Já que estamos falando do Papa Leão XIII, vamos ficar com ele por um minuto. O Papa Leão XIII estava muito nervoso que a Igreja Católica Romana na América estava se separando da Igreja Católica Romana mundial e da autoridade do papado. Então, enquanto o Papa Leão XIII foi útil em ficar do lado das classes trabalhadoras, ele estava nervoso sobre a americanização da Igreja Católica Romana.

Ele tinha medo de que a Igreja Católica Romana corresse o risco, eu acho que você poderia dizer, de se tornar muito americana e não católica romana o suficiente e não aderir às doutrinas e princípios católicos romanos. Ele realmente escreveu um documento sobre isso e sobre os perigos da americanização da Igreja Católica Romana. Ele estava muito nervoso sobre isso porque a Igreja Católica Romana precisava estar sob o controle da hierarquia.

Só no final da palestra, vou mencionar algo sobre isso, mas voltaremos a isso. Certo, agora, alguns eventos aconteceram que realmente solidificaram a americanização da Igreja Católica Romana. Um evento aconteceu em 1908.

Em 1908, a Igreja Católica Romana Americana foi retirada do status missionário de Roma. Em outras palavras, a Igreja Católica Romana não via mais a América como um campo missionário. Não precisava mais ser um campo missionário porque era autossustentável.

Então, em 1908, não era mais considerado sob status missionário. Havia um reconhecimento na América de que a Igreja Católica Romana podia se manter por conta própria. E isso ajudou, é claro, na americanização da Igreja Católica Romana, sem dúvida.

E então também, de 1914 a 1918, com a Primeira Guerra Mundial, os católicos romanos na América serviram ao lado de seus irmãos e irmãs protestantes e irmãos e irmãs judeus e assim por diante. Os católicos romanos serviram nobremente na Primeira Guerra Mundial. E lembre-se, a Primeira Guerra Mundial foi uma guerra de destruição tão absoluta, que é quase impossível imaginar o quão devastadora foi a Primeira Guerra Mundial.

No entanto, a Igreja Católica Romana e os católicos romanos na América foram realmente elogiados por mostrarem sua coragem junto com outros na Primeira Guerra Mundial. Então isso também trouxe a americanização dos católicos romanos muito mais adiante, sem dúvida sobre isso. Ok, então quando você chega em meados do século ou mais, a Igreja Católica Romana está bem estabelecida.

Tenho um longo artigo aqui sobre um dos cardeais de Boston, e seu nome era William Henry O'Connell. Este é William Henry O'Connell. Mas por 37 anos, ele foi o líder da igreja em Boston.

E há uma citação que ele fez. Ele disse, o puritano passou, falando sobre Boston, o puritano passou, o católico permanece. Agora que os líderes protestantes em Boston tomaram isso, foi um pouco difícil para eles ouvirem isso.

Mas, de certa forma, ele estava certo de que a influência puritana sobre a vida de Boston, a vida cultural, a vida política, a vida social e a vida religiosa, a influência puritana sobre a vida de Boston tinha passado. Boston é agora, ele disse, uma cidade católica romana, o que era essencialmente verdade, e ainda é essencialmente verdade. Quero dizer, quando você olha para Boston politicamente, religiosamente e assim por diante, o catolicismo romano realmente domina a vida pública de Boston, sem dúvida.

Então isso conta a história da americanização, e é realmente muito notável o que aconteceu desde 1852 no cristianismo americano — só uma palavra sobre essa coisa de americanização. Aqui, eu digo isso no final, mas não tem nada a ver com nada, mas tudo bem.

Você nunca pode, nunca medirá o catolicismo romano mundial pelo que você ouve na América por católicos americanos. Alguns de vocês podem pertencer à Igreja Católica Romana. Esse pode ser o lugar de sua denominação ou afiliação.

No entanto, a Igreja Católica Romana na América é bem liberal comparada ao resto da Igreja Católica Romana ao redor do mundo. Então, você nunca pode medir o catolicismo romano mundial pelo catolicismo americano. Eu certamente descobri isso.

Meu PhD é do Boston College. E então, durante o tempo do meu PhD no Boston College, eu descobri muitas coisas dos meus amigos católicos romanos no Boston College que eu achava que estavam um pouco em desacordo com a história católica romana ou doutrina católica romana ou com o papado ou o que quer que seja. Então, é uma escola jesuíta, e os jesuítas juram obediência ao Papa.

Mas eu ouvi ocasionalmente um padre jesuíta dizer coisas sobre o Papa que ele não deveria ter dito. Então, houve momentos em que você não conseguia medir isso. Então, apenas um exemplo disso é quando o Papa João Paulo II veio à América para sua primeira visita.

Agora aqui está um dos grandes papas piedosos do século XX, século XXI, João Paulo II. Ele veio para a América, e não estava muito bem preparado para o que enfrentaria lá. E eu nunca vou esquecer que ele estava sentado em sua cadeira.

Havia uma grande audiência, e havia um microfone aberto para as pessoas fazerem perguntas a João Paulo II sobre a Igreja Católica e assim por diante. E eu nunca vou esquecer a expressão no rosto dele quando uma mulher veio ao microfone. Ela era uma freira, e quando ela veio ao microfone, ela perguntou quando teríamos mulheres padres na Igreja Católica Romana. Bem, o pobre João Paulo II quase teve um ataque cardíaco.

Mulheres, quem está discutindo sobre mulheres padres na Igreja Católica Romana? Talvez os americanos estejam, mas ninguém mais está. E este Papa não tem certeza. Então, ele era como um cervo nos faróis.

Quero dizer, quando ele fez essa pergunta. Então, a americanização da Igreja Católica Romana tomou um tipo interessante de vida e se voltou para ela. Mas aí está.

Foi o que aconteceu. Certo. Esse é o número oito, o catolicismo romano no século XIX.

Certo. Alguma pergunta sobre isso? Alguns de vocês podem ser católicos romanos. No final do curso, vamos meio que dizer um ao outro qual é nossa denominação ou afiliação, se você quiser.

Ninguém precisa entrar nisso, mas se você quiser. Então, seria meio interessante ver que tipo de diversidade temos aqui na classe. Mas alguma pergunta sobre isso? Certo.

Nós viajamos para a palestra número nove, Escravidão e as Igrejas. Escravidão e as Igrejas, palestra nove. Certo.

Vou começar aqui. Certo. Escravidão e as Igrejas.

Primeiro, quero ter um plano de fundo. Você pode ver o plano de fundo número A. E há muito a ser dito em termos de plano de fundo. Então, nem vamos passar por isso agora.

Então, temos que continuar isso na quarta-feira. Mas eu quero meio que colocar sua mente nisso; acho que falamos sobre escravidão objetivamente. Falamos sobre isso academicamente.

Mas eu sempre começo esta palestra lendo o livro de Elkin sobre escravidão. E eu quero que você tenha uma ideia de quão desastrosa, quão absolutamente desastrosa, toda essa instituição da escravidão foi. E são apenas três parágrafos.

Dentro dos três parágrafos, a passagem do meio é falada. Então, é uma seção chamada Choque e Desapego. Então, aqui está o que aconteceu com as pessoas, seres humanos, quando tínhamos escravos.

Podemos supor que todo africano que se tornou escravo passou por uma experiência cujo impacto psíquico bruto deve ter sido surpreendente e cujas consequências substituíram qualquer coisa que lhe tivesse acontecido anteriormente. Alguns esforços devem, portanto, ser feitos para imaginar a série de choques que devem ter acompanhado os principais eventos dessa escravidão. A maioria dos escravos parecia ter sido capturada em guerras nativas, o que significava que ninguém, nem pessoas de alta patente nem guerreiros de proeza, tinha garantia contra captura e escravidão.

Grandes números foram pegos em ataques surpresa em suas aldeias. E como as tribos que atuavam como intermediárias para o comércio passaram a depender de suprimentos regulares de cativos para manter essa função, a distinção entre guerras

e expedições de ataque tendia a ser muito tênue. O primeiro choque em uma experiência destinada a durar muitos meses e deixar seus sobreviventes irrevogavelmente mudados foi, portanto, o choque da captura.

É um esforço para lembrar que, embora a escravidão ocorresse na África todos os dias, para o indivíduo, ela ocorreu apenas uma vez. O segundo choque, a longa marcha para o mar, prolongou o pesadelo por muitas semanas. Sob o sol escaldante, através da selva fumegante, eles foram levados como bestas amarradas pelos pescoços.

Dia após dia, oito ou mais horas por vez, eles cambaleavam descalços sobre arbustos espinhosos, juncos secos e pedras. Dificuldades, sede, brutalidades e quase fome penetravam na experiência de cada homem e mulher exaustos que chegavam à costa. Um viajante conta ter visto centenas de esqueletos em branqueamento espalhados ao longo de uma das rotas de caravanas de escravos.

Mas então, o homem que deve nos interessar é o homem que sobreviveu, aquele que passou por toda a experiência da qual este foi apenas o começo. O próximo choque, além dos novos tormentos físicos que o acompanharam, foi a venda dos traficantes de escravos europeus. Depois de serem amontoados em currais perto das estações de comércio e mantidos lá durante a noite, às vezes por dias, os escravos eram trazidos para exame.

Os rejeitados seriam abandonados à fome. Os restantes, aqueles que tinham sido trazidos, eram marcados, recebiam números inscritos em etiquetas de chumbo e eram conduzidos a bordo. O episódio que se seguiu, quase muito prolongado e estupefaciente para ser chamado de mero choque, foi o pavor da Middle Passage, brutalizante para qualquer homem, negro ou branco, que se envolvesse com ela.

Os porões dos navios, lotados de humanidade se contorcendo e sufocando, tornaram-se infernos fétidos de sujeira e pestilência. Histórias de doenças, morte e crueldade na terrível viagem de dois meses abundam no testemunho, o que fez muito para acabar com o tráfico de escravos britânico para sempre. O choque final no processo de escravização veio com a introdução dos negros nas Índias Ocidentais.

Brian Edwards, descrevendo a chegada de um navio negreiro, escreve sobre como, em tempos de escassez de mão de obra, multidões de pessoas vinham correndo a bordo, maltratando os escravos e os deixando em pânico. A legislatura da Jamaica eventualmente, entre aspas, corrigiu a enormidade, entre aspas, decretando que os escravos fossem mantidos em terra. Edwards sentiu uma certa mortificação ao ver os negros expostos nus em público, semelhante à sentida por outros líderes.

No entanto, aqui, eles não pareciam se importar. Eles demonstravam muito poucos sinais de lamentação por seu passado; eles estavam falando sobre os traficantes de

escravos ou apreensão por sua condição futura, mas comumente expressavam grande ânsia de serem vendidos. O processo de tempero, que se seguiu, completou a série de etapas pelas quais o negro africano se tornava um escravo.

A mortalidade tinha sido muito alta. Um terço dos primeiros números retirados do total de talvez 15 milhões morreram na marcha e nas estações de comércio. Outro terço morreu durante a passagem do meio e o tempero.

Como a maioria dos escravos nascidos na África que vieram para as plantações norte-americanas não vieram diretamente, mas foram importados pelas Índias Ocidentais, pode-se supor que o escravo típico passou por uma experiência parecida com a que acabei de descrever. Este era o homem, um em cada três, que tinha passado por tudo isso e sobrevivido e estava prestes a entrar em nosso sistema fechado. Como ele seria se sobrevivesse e se ajustasse a isso? Então, só isso, acho que essa imagem é importante desses choques que ocorreram com os escravos que foram capturados, levados para o mar, colocados em navios, vendidos e assim por diante.

Como estamos falando sobre escravidão, não apenas falando academicamente sobre isso, mas estamos falando sobre isso dessa perspectiva, precisamos falar sobre isso dessa perspectiva também. Certo, então aqui estamos no contexto. Vou começar o contexto falando primeiro sobre a Grã-Bretanha e a abolição do tráfico de escravos na Grã-Bretanha.

E então espero que na quarta-feira eu possa mostrar a vocês um pouco de um clipe, um clipe de filme que eu tenho. Não vou interromper o PowerPoint agora, mas espero que possamos começar com isso na quarta-feira. Mas quando começamos com a Grã-Bretanha, temos que começar com um dos grandes tipos de heróis, em certo sentido, na Grã-Bretanha neste momento em particular, e seu nome era William Wilberforce.

Essas são as datas de William Wilberforce. William Wilberforce era um membro do Parlamento. Ele obviamente era um membro do Parlamento, você tinha que ser rico, e você tinha que vir de uma boa família, e assim por diante.

Você tinha dinheiro e posições e assim por diante. Mas William Wilberforce era um membro do Parlamento. E ele estava tão indignado, tão absolutamente triste com todo o negócio do tráfico de escravos que acabamos de mencionar em Elkins.

E ele ficou tão indignado, tão triste com isso, que William Wilberforce decidiu que faria disso o trabalho de sua vida: acabar com a escravidão no Império Britânico. E então, William Wilberforce, isso se tornou seu tipo de cruzada. William Wilberforce começou um Comitê de Abolição.

O Comitê de Abolição começou em 1787. Eu só queria entender a ortografia, mas preciso voltar para Wilberforce. 1787, um Comitê de Abolição começa.

Agora, o Comitê de Abolição tem que decidir sob Wilberforce e outros líderes, mas Wilberforce era a pessoa principal aqui. O Comitê de Abolição tem que decidir como vamos convencer o público. Como vamos convencer o público a acabar com a escravidão quando tantos no Império Britânico dependiam da escravidão para sua economia? Como vamos convencer o público a fazer isso? E então a maneira como eles decidiram fazer isso foi por meio de uma espécie de política de pressão, em certo sentido. E eles decidiram começar a política de pressão.

A política de pressão assumiu duas formas. A primeira forma de política de pressão foi, e nós vamos ver isso, espero que vejamos isso na quarta-feira em um pequeno clipe de filme. A primeira forma de política de pressão foi trazer pessoas ricas para o Tâmisa, para o rio, trazê-las em barcos para o rio, e meio que fazê-las sentir que estavam indo para um adorável passeio de barco por um dia.

Dê-lhes um pouco de comida e assim por diante. E todas essas pessoas ricas que possuem muitos e muitos e muitos escravos meio que os fazem sentir que eles vão ter um bom dia. O que Wilberforce e seus amigos fizeram, no entanto, foi meio que quando eles saíram para o Tâmisa e eles estavam nesses navios adoráveis e assim por diante, eles trouxeram esses navios, barcos eu deveria dizer, e eles os trouxeram ao lado de navios negreiros que tinham acabado de trazer escravos da África Ocidental.

E o fedor dos navios negreiros era simplesmente avassalador para essas pessoas. E William Wilberforce dizia às pessoas, agora respirem esse ar. É isso que vocês estão respirando, e é o cheiro da morte.

E ao manter escravos, vocês são os responsáveis pela passagem do meio. E ele diz a eles para lembrar que um terço das pessoas que estavam acorrentadas no fundo deste navio nem sequer conseguiram sobreviver. Elas morreram durante a passagem.

Então, política de pressão. A segunda coisa sobre política de pressão eram as petições. Petições foram enviadas para as pessoas assinarem para acabar com o tráfico de escravos.

E essas petições, é claro, foram levadas ao Parlamento e discutidas no Parlamento. E conforme William Wilberforce e outros se moviam aqui com esse tipo de política de pressão, começou a haver uma discussão realmente séria sobre se deveríamos continuar a escravidão na Grã-Bretanha. Agora, uma das pessoas que apoiaram William Wilberforce foi John Wesley.

John Wesley morreu em 1891. Esta é uma foto de John Wesley em seu leito de morte. John Wesley A última carta que John Wesley escreveu em vida antes de morrer foi uma carta para William Wilberforce.

E ele estava encorajando William Wilberforce a manter a pressão para acabar com o tráfico de escravos na Grã-Bretanha. Na verdade, o título, não o título, mas a pequena frase que John Wesley usou na carta é que a escravidão é a vilania das vilanias. A escravidão é a vilania das vilanias.

E então, aqui está Wesley realmente encorajando William Wilberforce em sua tarefa muito, muito difícil de acabar com a escravidão. Esta é uma espécie de foto de Wilberforce no Parlamento falando contra o Slave Trade Act. Há um filme chamado Amazing Grace.

Alguém de vocês já viu o filme por acaso? Se você não viu Amazing Grace, cerca de metade de vocês já viu. Então, se você não viu Amazing Grace, só nós, tenho certeza que temos em nossa biblioteca, apenas alugue ou não alugue, mas pegue e dê uma olhada. É realmente um filme notável.

É sobre William Wilberforce e o fim do tráfico de escravos na América e na Grã-Bretanha. Eu só vou dizer, só para dar um toque aqui, aqueles que viram o filme sabem que ele foi baseado em uma biografia de William Wilberforce escrita por um graduado do Gordon College. Então, um ex-aluno do Gordon College escreveu a biografia na qual o filme foi baseado.

Então, se você tiver a chance de ver o filme, você deveria fazer isso. Ok, eu tenho que te dar um tempo em apenas um minuto, mas duas datas. Primeiro de tudo, 1807.

A pressão teve que ser mantida, mas a escravidão foi finalmente abolida na Grã-Bretanha em 1807. William Wilberforce viveu para vê-la abolida na Grã-Bretanha naquela época, 1807. Mas voltemos às datas de William Wilberforce, 1833.

Antes de morrer, ele viu o tráfico de escravos abolido em todo o império britânico. Então, aqui estava um homem, um homem cristão. Talvez devêssemos ter mencionado isso ao longo do caminho, mas aqui está um homem cristão com um senso cristão do que é justiça para todas as pessoas. Aqui está um homem cristão com uma ideia que derrubou o tráfico de escravos na Grã-Bretanha.

Sinto-me longo, e agora sinto um longo sermão chegando. Talvez você não tenha uma pausa, mas, de qualquer forma, vou parar por aqui. Mas 1833.

Agora, observe que ainda não lidamos com isso na América. Estamos em 1833, mas ainda não lidamos com isso e não lidaremos com isso por mais 30 anos ou mais. Então, William Wilberforce.

Então, queríamos primeiro ver a abolição da escravidão na Grã-Bretanha antes de chegarmos à América em termos de contexto. Há alguma pergunta sobre a política de pressão de William Wilberforce derrubando o tráfico de escravos na Grã-Bretanha primeiro e depois no império britânico? Sim. O comitê de abolição tinha 18; deixe-me apenas colocar aqui.

1787 foi o comitê de abolição. Agora, houve, vamos ver, não precisamos nos preocupar com isso agora, mas houve um comitê antiescravagista na América que começou antes do comitê de abolição. No entanto, este é um comitê importante para a história britânica.

Outra coisa. Sim. 1807 é a abolição da escravidão na Grã-Bretanha.

1833 é a abolição da escravidão no Império Britânico. Então, ela se estendeu além da Grã-Bretanha. Certo.

Não te dei um descanso hoje. Então, dê uma olhada. Certo.

Tudo bem. Agora, queremos saber a próxima coisa que quero fazer, e isso é tudo histórico, então você ainda não me deixou histórico. O que quero fazer agora é dar a vocês uma espécie de marcha cronológica pelo abolicionismo que chegou à América.

Então, eu quero destacar algumas datas aqui que são realmente, realmente importantes para ver o que aconteceu na América para que chegássemos ao ponto em que a escravidão foi abolida. Certo. Então, você está comigo nisso? Tudo bem.

Certo. Começamos com 1775, uma data importante e um evento importante com a fundação, o início da sociedade antiescravista em 1775. Agora, esta é a primeira sociedade antiescravista do mundo porque você pode ver que o comitê de abolição foi fundado depois disto na Grã-Bretanha, mas isto é anterior ao comitê de abolição.

Isto foi fundado pelos Quakers. Os Quakers realmente ocupam o lugar privilegiado de ter a primeira sociedade antiescravista. A razão pela qual foi fundada pelos Quakers nos EUA é que isto é tudo nos EUA agora.

Sim. Isso é tudo nos Estados Unidos agora, o que está acontecendo em nosso solo. A razão pela qual foi fundada por quakers em 1785 foi, antes de tudo, para abordar quakers que possuíam escravos.

Havia quakers que estavam começando a ter escravos. Eles não viam problema algum nisso. E outros quakers disseram, sim, há um problema com isso.

Há um problema bíblico e um problema humanitário. E então, a sociedade antiescravagista foi fundada em 1775, primeiro por quakers, mas primeiro para abordar companheiros quakers sobre essa questão e convencer companheiros quakers a desistir de seus escravos se ainda tivessem escravos. Então, Filadélfia, Deus te abençoe. Filadélfia, Quakers, 1775, uma sociedade antiescravagista, ocupa um tipo de lugar privilegiado.

Certo. Então, a próxima data que quero dar é uma data da qual você já ouviu falar, e é 1784. 1784.

Alguém se lembra da data 1784 por algum motivo em particular? Alguma coisa lembra alguma coisa? 1784. Baltimore, Maryland, alguns eventos aconteceram em 1784, como a Conferência de Natal. Foi quando Francis Asbury, lembre-se, foi ordenado.

Isso é chamado de Conferência de Natal porque foi realizada na véspera de Natal de 1784. Mas na Conferência de Natal, é claro, essas pessoas disseram, se você vai ser metodista, não pode ter escravos. Isso vem do próprio John Wesley, que ainda estava vivo até 1791, e John Wesley era um defensor antiescravista na Grã-Bretanha.

Então, em 1784, a Conferência de Natal instituiu medidas para dizer que se você tem escravos, você não pode ser um metodista. Então, essa é uma data importante. Agora, você precisa se lembrar dessa data por outros motivos também.

Certo. Outra data seria 1770, 1780, apenas em geral, 1770, 1780. Porque naquela época, lembre-se, havia um grupo de pessoas chamado Edwardsians .

Você se lembra? Nós mencionamos os Edwardsianos . Nós demos a você os nomes dos quatro Edwardsianos se você quiser olhar para trás para lembrar quem eles são. Agora, os Edwardsianos eram verdadeiros seguidores de Jonathan Edwards, mas Jonathan Edwards possuía escravos.

Lembra disso? Nós falamos sobre isso. Mas os Edwardsianos estão realmente entrando no espírito antiescravista. E então, os Edwardsianos , e especialmente o próprio filho de Jonathan Edwards, começaram a falar contra o tráfico de escravos como pregadores na América.

Então, os Edwardsianos têm uma influência cultural muito poderosa aqui, pois pregam, falam e assim por diante. Então, queremos mencionar isso. Certo.

Também queremos mencionar 1817. Certo. 1817, outra data importante.

Então, o que estamos fazendo é cronologicamente, estamos vendo o antiescravismo na América, em solo americano. Agora, chegamos a 1817, e chegamos com a

fundação de um grupo chamado American Colonization Society. A American Colonization Society.

Certo. Agora, a American Colonization Society tinha um plano. Agora, não estou dizendo que era um bom plano.

Vamos ver algumas falhas neste plano, mas deixe-me explicar o plano primeiro. O plano da American Colonization Society era comprar escravos de seus donos. Então, você compra escravos de volta de seus donos porque a American Colonization Society queria a eliminação da escravidão, mas então você envia esses escravos de volta para a África.

Então, eles acharam que era uma boa ideia. Comprar escravos e enviá-los de volta para sua própria terra natal. Então, eles eram bem-intencionados.

Foi uma boa intenção, a American Colonization Society. Então, muitos ministros e igrejas desempenharam um papel nisso. Nós chamaríamos a American Colonization Society de um movimento de transição porque a American Colonization Society sofreu muitos ataques.

Ele veio sob muitas pessoas que não gostavam deles, mas foi um movimento de transição. Certo. Aqui estão as razões pelas quais as pessoas se opuseram à American Colonization Society.

Você pensaria , à primeira vista, que isso seria uma coisa boa. Comprar escravos de volta para que eles não fossem mais escravos, e então tentaríamos mandá-los para casa. Então, você acha que, à primeira vista, isso seria muito bom.

Aqui estão as razões para as críticas à American Colonization Society. Número um, eles realmente não lidaram com o tipo de institucionalização da escravidão. Eles realmente não lidaram com o problema institucional e o problema da injustiça e assim por diante.

Então, meio que desviou a atenção de realmente abordar a questão maior desse mal institucionalizado. Então, esse é o número um. Número dois, muitas pessoas na American Colonization Society acreditavam na inferioridade negra.

Eles acreditavam que os negros eram inferiores, e foi assim que eles entraram nesse problema de serem levados como escravos. E então, havia esse tipo de crença oculta na inferioridade negra. Isso se torna meio problemático.

Número três, livrou o país de um potencial, uma liderança potencial real entre os negros. Porque se você pode comprar escravos de seus donos e eles agora são pessoas livres, pense na capacidade de liderança que essas pessoas livres teriam

entre seu próprio povo e entre as pessoas, talvez as pessoas estivessem sendo libertadas e assim por diante. Mas realmente livrou o país de alguma liderança negra potencial real neste momento de transição.

Porque o que você está fazendo? Você está mandando-os de volta para casa. Você está mandando-os de volta para a África. Você não está libertando-os e então dizendo, ok, agora vocês devem se estabelecer em posições de liderança em Boston, Filadélfia, Nova York, número três.

E número quatro, muitas pessoas sentiram que isso realmente não conseguiu muita coisa. Ele só libertou 4.000; estima-se que cerca de 4.000 escravos foram libertados por esse processo e enviados de volta para a África. E o problema era muito, muito, muito, muito maior do que isso.

Então, houve um tipo de crítica por esse motivo. Mas essa é a American Colonization Society. E essa é uma organização de transição, eu diria.

1817, foi fundada. Sim. Não, não, eles foram; eles levantaram o dinheiro para poder realmente libertar os escravos.

Eles realmente os compraram de seus donos. Mas não havia, e eles não estavam fingindo ser outros donos de escravos ou algo assim. Eles eram honestos, compravam os escravos dos donos, libertavam os escravos e então os mandavam de volta para a África.

Não, eu não acho, porque eles pegariam esse dinheiro e comprariam outros escravos. E então, isso não seria um problema para os donos de escravos, o que era outro problema aqui. Mas, ou talvez eles precisassem de dinheiro.

Talvez alguns deles realmente precisassem do dinheiro, e não todos os escravos. Então, não, não parecia ser um problema para os senhores de escravos. Eles pareciam estar dispostos a vender os escravos.

Existe algum registro do que aconteceu com as pessoas livres que voltaram para a África? Tipo, como, quero dizer, se eles são, tipo, inteiros, tipo, religiosos, você sabe, judeus ou o que seja, tipo, para onde eles voltaram? Certo, certo. Sim, isso eu nunca, eu nunca acompanhei. Tenho certeza de que se nós procurássemos a Sociedade Americana de Colonização e víssemos, tenho certeza de que provavelmente houve dissertações escritas sobre isso e assim por diante.

E eu não persegui isso. Não vamos procurar agora, mas vamos procurar algum dia. E então, eu não, eu realmente não persegui essa memória.

Então, não tenho certeza disso. Sei que, do ponto de vista americano, foi um fracasso, basicamente um fracasso. Foi um pouco transitório.

As pessoas admitem que, ok, estamos começando a ver o problema aqui, mas, principalmente, foi um fracasso. Ok, deixe-me mencionar mais uma coisa, então temos que ir. Então, estamos olhando para isso cronologicamente.

Quero chegar agora ao ano de 1835. 1835 foi uma data muito importante na história cristã americana. E isso porque em 1835, em Ohio, o Oberlin College foi fundado.

E o primeiro presidente foi um sujeito chamado Charles Grandison Finney. Ele era professor de teologia e depois se tornou presidente do Oberlin College. Então, isso, isso se torna, isso se torna realmente importante.

Não, ele foi o primeiro; ele foi o primeiro professor, e então ele se tornou presidente em 1851. Mas ele foi, ele foi um dos fundadores de Oberlin. Ok, primeiro de tudo, bem rápido, algum de vocês já foi para o Oberlin College? Vocês já viram o campus de Oberlin? Alguém aqui está em Ohio? Não? Ok.

Tudo bem. Certo, o Oberlin College foi fundado como a primeira instituição abolicionista na América. Foi fundado como uma instituição abolicionista antiescravista.

Então, ela detém um, e como Finney e os outros fundadores eram abolicionistas, eles acreditavam na abolição da escravidão. Então, ela detém um lugar de privilégio na história cristã americana. Mas também é, como veremos mais adiante, foi a primeira faculdade mista da América também.

Então, foi a primeira faculdade mista a admitir homens e mulheres. Na verdade, como também veremos mais adiante, a primeira mulher na América a receber um diploma teológico o recebeu do Oberlin College. E então ela foi ordenada.

O nome dela era Antoinette Brown. Falaremos sobre isso mais tarde. Mas o Oberlin College foi fundado como uma instituição abolicionista; é bem estridente, sabe, dizer que essa é a razão da missão dessa instituição de proclamar a doutrina da abolição da escravidão.

Isso é bonito, esse é um passo gigante na história cristã americana, fundada por esses cristãos em 1835. Então, ok, vamos pegar isso na quarta-feira e continuar com isso. Tenha um bom dia.

Este é o Dr. Roger Green em seu ensinamento sobre o cristianismo americano. Esta é a sessão 12 sobre o catolicismo romano no século XIX.